

A CAMPANHA DA CORDILHEIRA

Major EVERALDO DE OLIVEIRA REIS

Oficial de EM

Capítulo mais ou menos olvidado, da épica Guerra do Paraguai, tem sido a Campanha da Cordilheira. Um ano foi aproximadamente a sua duração. Incontáveis foram os mortos. Ilustres os chefes. Mas sobre tudo e sobre todos tem caído cerrado silêncio.

O que foi a fase da Guerra do Paraguai chamada "A Campanha da Cordilheira"?

Em dezembro de 1868, após as brilhantes vitórias de AVAÍ, ITO-RORÓ e LOMAS VALENTINAS, recolhe-se ao Brasil o Duque de Caxias. Ocuparam as Fôrças Aliadas a cidade de ASSUNÇÃO. O ditador SOLANO LOPEZ, mobilizando as últimas reservas, guarnece a CORDILHEIRA DE ALTOS e determina uma nova capital: PERIBEBUI. Continuará a luta, à frente agora, de um exército de mais de dez mil homens, que utilizará ao máximo o terreno como aliado.

No dia 16 de abril de 1869, na cidade de LUQUE, assume o comando-em-chefe das Fôrças Brasileiras, em operações no PARAGUAI, GASTÃO DE ORLEANS, Conde D'Eu, Príncipe Consorte.

Desta data até 1 de março de 1870, perseguirá, sem tréguas, o ditador SOLANO LOPEZ. No tempo, será aproximadamente um ano. No espaço, cerca de trezentos quilômetros, balizados pela CORDILHEIRA e pelos cortes do MANDUVIRÁ, do JEJUI do IPANÉ, do AQUIDABÁ e do APA. (Fig. 1)

A estas operações, que se desenrolaram sob o comando do Conde D'Eu, chama a História de CAMPANHA DA CORDILHEIRA.

Procuraremos estudá-la sob um triplice aspecto. Primeiramente a analisaremos, dentro dos aspectos da guerra convencional. Estudaremos, à luz das Doutrinas Clássicas, as suas manobras mais importantes: PERIBEBUI e SANTO ESTANISLAU. Em seguida nos deteremos nos aspectos da Campanha, que nos parecem, sobre interessantes, atuais: são as características de Guerra Irregular, como hoje nós a chamamos. São fatos acontecidos há um século e que se enquadram com exatidão neste, hoje tão falado, tipo de guerra. E crescem de importância, porque desenrolados na América do Sul deles participa o Exército Brasileiro e o faz com invulgar inteligência.

Encerraremos este trabalho com uma análise das qualidades de chefia do então comandante das Fôrças Brasileiras: o Conde D'Eu.

Aspectos regulares da Campanha da Cordilheira: A Manobra de Peribebuí

A — SITUAÇÃO GERAL

1 — Os aliados.

Quando a 16 de abril o Conde D'Eu assumiu o comando das Forças Brasileiras, os aliados, vindos de retumbantes vitórias, ocupavam Assunção e suas cercanias. Reinava, porém, na tropa, uma certa inércia. Após três anos de lutas, a conquista da Capital inimiga parecia a todos o fim há muito almejado, que significaria a volta aos lares. O invicto CAXIAS, já agora em idade avançada, fôra obrigado a retirar-se do comando e do teatro de operações, como aliás já o tinham feito outros ilustres chefes.

O novo comandante, de apenas vinte e sete anos, iria procurar dinamizar as operações. Como ótimo augúrio, conseguira trazer, aos comandos dos Corpos do Exército, dois chefes de primeira água: MANOEL LUIZ OSÓRIO — o Mané Luiz da tropa — e POLIDORO DA FONSECA QUITANILHA JORDÃO.

Nova expedição naval é determinada no MANDUVIRÁ; reitera-se ao General PORTINHO a ordem de abandonar a região de AGUAPEÍ, transpor o PARANÁ e atuar na direção de VILA RICA. Reconhecimentos são acionados na direção geral de SE, e um deles, ao comando do Coronel do Exército Uruguaio, HIPÓLITO CORONADO, atinge IBICUI, causando danos à fundição de ferro aí existente. Para o norte, pela via fluvial, é lançado o Brigadeiro JOSÉ ANTÔNIO CORRÊA DA CÂMARA, agora à testa de força de valor considerável. Busca o Conde D'Eu restringir ao máximo a zona de ação de SOLANO LOPEZ. Dentro desta idéia e já trazendo em mente o prosseguimento das operações, determina o comando-em-chefe, no dia 18 de maio de 1869, o deslocamento dos Corpos de Exército. A 25 de maio, o comando-em-chefe, justaposto ao 1º C Ex está em PIRAIÚ e o 2º corpo está em TAQUARAL.

A expedição CORRÊA DA CÂMARA obtém uma série de vitórias contra as forças do Major GALDEANO.

Na direção sudeste nova expedição é mandada. Comanda-a o General JOÃO MANUEL MENA BARRETO que recebe a missão de reunir as numerosas famílias que consta existir nas proximidades de VILA RICA e IBITIMI e subtraí-las ao domínio de LOPEZ; completar, se necessário, a destruição da fundição de IBICUI e reconhecer o terreno ao sul da posição de LOPEZ. Foi então a fundição destruída e a coluna expedicionária regressou, acompanhada por milhares de pessoas, após vencer todos os encontros com o inimigo e conquistar dois estandartes, no desfiladeiro de SAPUCAÍ.

A par destas ações, contínuos reconhecimentos eram levados a efeito sobre a cordilheira.

2 — Os paraguaios.

Após os acontecimentos de dezembro de 1868, LOPEZ dirigira-se para a CORDILHEIRA, onde anteriormente já instalara nova capital: PERI-

BEBUI. Determinara a instalação de uma nova fundição, às margens da lagoa IPACARAÍ e estendera, então, a velhos e crianças o recrutamento militar. A CORDILHEIRA começaram a afluir outros chefes de categoria, entre os quais o General CABALLERO. O moral da tropa, se não mais era excepcional, ainda era muito bom. Inexplicavelmente, LOPEZ mantém-se numa defensiva estática na linha ALTOS-PERIBEBUI (Fig. 2), deixando a defesa do flanco Este da Posição muito a desejar.

Mantinhm ainda os paraguaios, no território, fora da posse das Forças Aliadas, inúmeras partidas, destacamentos de valor variável, com a finalidade de carrear recursos materiais para a Cordilheira, em particular gado.

B — INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

1 — Terreno (Figs. 1 e 2).

As operações ir-se-iam desenvolver inicialmente na região da chamada CORDILHEIRA, que se estende na direção NW-SE desde EMBOSCADA até o vale do TEBICUARI. Limitavam-na pelo sul, a lagoa de IPACARAÍ e o rio PIRAIÚ, no vale do qual corria a estrada de ferro existente na região, que ligava ASSUNÇÃO a PARAGUAI, já estando o traçado da mesma delineado até VILA RICA, atingindo os trabalhos de atêrro a localidade de SAPUCAÍ.

Concomitantemente com a ferrovia, corria a estrada de rodagem, muitas vèzes cortada pelos trilhos dessa.

Eram as seguintes as estações da estrada de ferro: TRINIDAD, LUQUE, AREGUÁ, PATINO-CUE, TAGUARAL, PIRAIÚ, CERRO LEON e PARAGUARI. Como localidade importante alinhavam-se: ALTOS, ATIRÁ, CAACUPÊ, ASCURRA e PERIBEBUI, esta agora já designada Capital.

O acesso à CORDILHEIRA limitava-se, em princípio, aos seguintes passos e desfiladeiros: (Fig. 2) o desfiladeiro de VALENZUELA, que a par de oferecer boas condições de acesso, assegurava a ligação entre os departamentos da CORDILHEIRA e o de VILA RICA, ou de modo geral, assegurava a SOLANO LOPEZ a ligação com a parte meridional do PARAGUAI; a subida de MBOBICUÁ, sobre a qual não se possuíam suficientes informações; a subida de MBOCAIATI, com razoáveis condições de transitabilidade (nas proximidades da localidade de PARAGUARI); o desfiladeiro de CERRO LEON, quase intransitável, de todos, o de pior acesso; o desfiladeiro de ASCURRA, pedregoso, rodeado de precipícios, de acesso difícil, em particular para a cavalaria, largo na parte inferior e estreitando-se à medida que subia; o desfiladeiro de ATIRÁ, de solo menos pedregoso, porém de fácil defesa, já que fôra aberto em espessos matos; a subida de EMBOSCADA, de ótimo acesso e de razoável amplitude, permitindo até que se manobrasse em face de pequenas resistências.

C — SITUAÇÃO DOS MEIOS

1 — *Fôrças Aliadas.*

Vejamos a organização dada pelo Conde D'Eu às Fôrças Brasileiras, para execução da MANOBRA DE PERIBEBUÍ, e como se apresentaram os nossos aliados e também agora a Legião Paraguaia, já lutando sob bandeira própria, ao nosso lado.

A massa de manobra, à qual caberia a ação de desbordamento, seria constituída pelos dois Corpos de Exército Brasileiro. O Primeiro ao Comando do bravo General OSÓRIO, de constituição equilibrada em Infantaria e Cavalaria, dispondo de apoio de Artilharia e Engenharia, bem como de Elementos de Transporte. Nêle estavam incluídas a Legião Paraguaia, ao comando de PABLO RECALDE, e o Contingente Oriental sob as ordens do General HENRIQUE CASTRO.

O 2º C Ex marchará subordinado ao eficiente POLIDORO; como o Primeiro, está eqüitativamente composto de Infantaria e Cavalaria e tem apoios de Artilharia e Engenharia. Não enquadrará, contudo, Elementos de Transporte. A êle subordinar-se-á a Divisão Argentina do Coronel LUIZ MARIA CAMPOS.

Para os movimentos iniciais será constituída uma Fôrça de Segurança, diretamente subordinada ao Comando-Geral: a Flancoguarda de JOÃO MANUEL MENA BARRETO, cuja composição será básicamente de Cavalaria.

Para ação frontal no vale do PIRAIÚ, lado a lado com os argentinos, permanecerá o Destacamento do General JOSÉ AUTO GUIMARÃES, sob o Comando-Geral do General EMÍLIO MITRE. Ao comando do General JOSÉ AUTO ficará subordinada a guarnição de ASSUNÇÃO.

Apresentaram os aliados um efetivo de 33.000 homens dos quais 21.000 constituiriam a massa de desbordamento.

2 — *O Exército Paraguaio.*

Ao iniciar-se a CAMPANHA DA CORDILHEIRA, LOPEZ montara a defesa daquela posição, com um efetivo de 13.000 homens apoiados por 18 peças de artilharia, peças estas que poderiam ser aumentadas, já que um arsenal fôra estabelecido em ALTOS e uma fundição em CAACUPE. Com El Supremo estavam os Generais RESQUIN e CABALLERO. O dispositivo adotado deixava a desejar, como demonstraram posteriormente os acontecimentos. Visava primordialmente à defesa do desfiladeiro de ASCURRA, onde se concentrava a maioria de meios. CÉRO LEON, ALTOS e PERIBEBUÍ também apresentavam razoáveis efetivos. O flanco direito da posição, sôbre o qual incidia o desfiladeiro de VALENZUELA, apresentava-se fracamente defendido.

Conservavam os paraguaios, nas áreas ainda fora do contrôle aliado, destacamentos à base de Cavalaria, com os quais buscavam carrear

meios, particularmente gado. Dentre estes, salientavam-se o do Major GALDEANO, que operava ao norte do JEJUI e do Coronel ROMERO que se mantinha no Distrito de VILA RICA.

Procuravam também, continuamente, os nossos adversários de então, realizar pequenas incursões na ferrovia, tentando prejudicar-lhe o funcionamento, particularmente destruindo-lhe as obras de arte. A par destas ações "irregulares" atentadas eram praticadas contra aqueles que isoladamente afastavam-se dos acampamentos aliados: era a ação dos chamados "bombeiros".

Se fôssemos enumerar hoje as possibilidades do inimigo de então, fariamos assim:

— Defender a Cordilheira, em particular nas regiões de ASCURRA, CÉRRO LEON, ALTOS e PERIBEBUI, com o valor de até 13.000 homens apoiados por bôcas de fogo.

— Atacar, com todo ou parte do valor acima referido, procurando isolar o grosso das Fôrças Aliadas de suas bases de abastecimento: PIRAIÚ e ASSUNÇÃO.

— Reforçar as ações acima, a qualquer momento, em particular com o Destacamento GALDEANO.

— Atuar contra o nosso Flanco em particular com o Destacamento ROMERO.

— Retrair para o Norte, internando-se cada vez mais, de molde a novamente ameaçar o território brasileiro, ou permitir a internação de LOPEZ na BOLÍVIA.

— Realizar ações irregulares contra as Fôrças Aliadas, em particular contra a ferrovia ASSUNÇÃO — PARAGUARI.

D — SITUAÇÃO PARTICULAR

1 — *Decisão do Conde D'Eu.*

A decisão do Conde tomada no Conselho reunido em PIRAIÚ, no dia 7 de julho de 1869, foi antecedida pela realização de completos "estudos de situação", quer pelo General EMÍLIO MITRE, quer pelo General OSÓRIO. O estudo destes documentos constitui leitura deveras interessante para os que se dedicam à profissão das armas.

A título de curiosidade, vamos apresentar como "linhas de ação" as propostas apresentadas por aqueles chefes.

Linha de ação do General EMÍLIO MITRE: Atacar frontalmente pelos desfiladeiros de CÉRRO LEON, ASCURRA e CABANAS. Atacar também pela subida de MBOCAIATI para apossar-se de PERIBEBUI e pela subida de EMBOSCADA para apossar-se sucessivamente de ALTOS, ATIRÁ e CAACUPE.

Linha de ação do Marquês de HERVAL: Atuar por VALENZUELA para apossar-se sucessivamente de PERIBEBUI e ASCURRA. Atacar

também frontalmente pelos desfiladeiros de MBOCAIATI e CHOLOLÓ. Esforço na ação por VALENZUELA.

De posse das duas opiniões acima enunciadas, reunidos os mais distintos chefes militares: MITRE, OSÓRIO, POLIDORO E ELISIÁRIO, tomou o Comandante-em-Chefe a decisão abaixo, que procuraremos expressar em linguagem mais condizente com a terminologia militar presente, evitando porém desvirtuá-la.

“Atuar por VALENZUELA (Fig. 2) para cortar a retirada do inimigo, apossando-se sucessivamente de PERIBEBUI e ASCURRA.

Nas atuais posições fixar também o inimigo em condições de cooperar com a ação principal.”

2 — *Missão dos elementos subordinados.*

Poderia ser anunciada nestes termos:

a) 1º C Ex: OSÓRIO:

Atuar na direção PARAGUARI — VALENZUELA, quer pela subida de MBOBICUÁ, que deverá ser reconhecida, quer pelo desfiladeiro de SAPUCAÍ.

b) 2º C Ex: POLIDORO:

2º Escalão.

c) Destacamento JOSÉ AUTO (enquadrado no comando do General EMÍLIO MITRE).

Manter as atuais posições, de molde a assegurar o funcionamento da linha férrea; em condições de cooperar com a ação principal.

d) Destacamento JOÃO MANUEL MENA BARRETO:

Atuar na direção PIRAIÚ — IBITIMI, apossando-se sucessivamente de CÉRO PORTEÑO, do PASSO DA CRUZ, do cruzamento PIRAIÚ — VILA RICA e finalmente da localidade de IBITIMI, onde deveria chegar até 4 de agosto, de molde a cortar a retirada de ROMERO ou pelo menos dificultar-lhe a junção com LOPEZ.

Com data de trinta de julho, foram enviadas instruções ao Comandante-Geral da artilharia Coronel EMÍLIO MALLET e ao Coronel RUFINO ENEAS GUSTAVO GALVÃO, chefe da Comissão de Engenheiros.

E — *ESTUDO DA MANOBRA DE PERIBEBUI*

Conceituada a manobra, quer pelo entendimento da DECISÃO em si, quer pelas MISSÕES que foram atribuídas aos comandos subordinados, analisemo-la agora, em face dos fatores clássicos de uma DECISÃO.

1 — *Missão.*

Qual a missão que se impunha ao Exército Aliado? A guerra, de acordo com o Tratado de Tríplice Aliança, não era feito ao povo paraguaio e sim ao ditador. Para terminá-la era mister, portanto, que LOPEZ

desaparecesse do cenário político do país, que contra nós se mantinha em armas. Isto só poderia ser possível, capturando-o numa manobra audaciosa que implicasse praticamente na destruição das forças que lhe permaneciam fiéis. Diremos, pois, que se impunha às Forças Aliadas a tarefa de capturar ou destruir o Exército Paraguaio. Para realizá-la, teríamos que (missões deduzidas):

— Isolar a CORDILHEIRA DE ALTOS;

— Destruir ou capturar o inimigo nela existente.

2 — *Comparação entre as ações acima admitidas e as missões atribuídas pelo Conde D'Eu aos elementos subordinados.*

a) Isolar a CORDILHEIRA DE ALTOS: possuíam os aliados total domínio da navegação do rio PARAGUAI, o que praticamente a isolava por W; a manutenção de um efetivo aproximado de 12 mil homens no sopé da Cordilheira, efetivo dentro do qual estava incluído o Destacamento JOSÉ AUTO, assegurava o isolamento pelo sul; a direção de atuação do 1º C Ex, PARAGUARI — VALENZUELA, completava o isolamento por SE, já que interceptaria a única ligação entre a CORDILHEIRA e o DEPARTAMENTO de VILA RICA; a conquista de PERIBEBUÍ e ASCURRA coroava este desiderato.

b) Capturar ou destruir o Exército Paraguaio: o tipo de manobra adotada pelo Comandante-em-Chefe era de molde a possibilitar a execução de uma operação de cerco, quando para tal se apresentasse um clima propício. O grosso das forças, os 1º e 2º Corpos, constituiriam a "fôrça de cerco" enquanto ao Destacamento EMÍLIO MITRE caberia o papel de "fôrça de pressão direta".

3 — *Terreno.*

O terreno foi sempre uma incógnita para o Alto Comando Aliado durante toda a Guerra do Paraguai. O Duque de Caxias valeu-se até da aerostação, no afã de conseguir informes que lhe permitissem montar com segurança as manobras combinadas.

E quanto mais nos interiorizávamos no território inimigo, mais aumentavam as nossas dificuldades neste aspecto.

a) Vias de Acesso: atuavam as Forças Aliadas com os seus grossos, pela via de acesso mais longa (PARAGUARI — VALENZUELA). Era, entretanto, uma via de fácil acesso, superada apenas por duas outras: a de ATIRÁ e a de EMBOSCADA. Apresentava ainda outra particularidade interessante: tudo indicava que não estava defendida.

Entretanto, não abandonaram os aliados a possibilidade de também atuar nas outras vias, pois sobre elas estava prevista a realização de ação secundária.

b) Acidentes capitais: VALENZUELA. A ocupação de VALENZUELA isolaria a Cordilheira dos diversos Departamentos do sul do país. PERIBEBUÍ — ASCURRA: a ocupação destas duas localidades concretizaria o isolamento da Cordilheira pelo N.

4 — *Inimigo.*

Responderia a manobra montada pelo Conde D'Eu as possibilidades que emprestamos ao inimigo? Vejamos:

a) Possibilidade de defender as atuais posições em particular nas regiões de ASCURRA, CÉRRO LEON, ALTOS e PERIBEBUÍ.

A manobra montada pelo Comando-em-Chefe, que se valera de informes fornecidos por "passados", incidia com o esforço sôbre a região que LOPEZ, inadvertidamente, deixara praticamente sem defesa.

b) Atacar de modo a isolar os nossos grossos das bases de suprimentos.

O Plano adotado mantinha, no sopé da Cordilheira, o Destacamento EMÍLIO MITRE, com um efetivo aproximado de 12 mil homens, inicialmente, em atitude defensiva, e com a missão precípua de assegurar o funcionamento da ferrovia ASSUNÇÃO — PARAGUARI.

Vê-se, pois, que dificilmente êste ataque teria êxito.

c) Reforçar as ações previstas...

Contra esta possibilidade de refôrço, que o inimigo poderia concretizar no curso de nossa ação, prevenira-se o Conde D'Eu ao completar a determinação feita a MITRE, de cooperar com o esforço "logo que êste, tendo tomado a retaguarda do inimigo, devesse atacar" e quando diz ao Brigadeiro JOSÉ AUTO DA SILVA "que só deveria atacar quando recebesse o aviso do Comando-em-Chefe brasileiro, que chegara o momento oportuno, *exceto se o som do canhão indicar que o grosso do Exército se encontra empenhado num combate geral*".

d) Retrair para o Norte:

Procura o Conde cobrir-se contra esta possibilidade, valendo-se ao máximo do fator surpresa. Inúmeros reconhecimentos à viva força foram feitos frontalmente à Posição, de modo a iludir os paraguaios sôbre a nossa verdadeira intenção.

e) Atuar contra nosso flanco, em particular com o Destacamento ROMERO.

A existência do Destacamento JOÃO MANUEL MENA BARRETO, com a função precípua de cortar a retirada das forças de ROMERO, ou pelo menos de impedir-lhe a junção com o grosso na Cordilheira, respondia cabalmente a esta ameaça.

f) Realizar ações irregulares contra as nossas forças...

A manutenção da ferrovia, sôbre a qual deveriam incidir particularmente as ações irregulares, como já vinha acontecendo, era missão específica do Destacamento MITRE. Além disso, de há muito que o Comando-em-Chefe se vinha preocupando contra os atentados que se vinham sucedendo contra indivíduos ou pequenos grupos, tanto assim, que desde 15 de maio de 1869, isto é, um mês e um dia após assumir o comando,

determinara: "os comandantes de Corpo de Exército proibissem terminantemente às suas praças o afastamento além dos limites marcados pela boa audição dos toques de corneta".

E — CONCLUSÃO

Do que se estudou, só há uma conclusão a inferir: a manobra de PERIBEBUÍ foi uma bem delineada manobra de flanco, na qual se procurou, por um "desbordamento", destruir na CORDILHEIRA o Exército Paraguio.

Combinou-se inicialmente atitudes de dois agrupamentos, um fixando e o outro buscando o flanco desguarnecido da posição adversária, para se passar posteriormente a uma combinação de direções. Explorou-se habilmente o terreno, de vez que se abandonava a via de acesso mais curta e mais favorável à progressão, para se buscar "surpresa" pela utilização da que conduzia ao ponto mais vulnerável da posição.

Sem favor podemos reafirmar que PERIBEBUÍ foi uma bem delineada manobra de flanco, clássica manobra, na qual se procurou surpreender o adversário, sem contudo, em nenhuma ocasião, abrir mão da segurança necessária.

Vejamos se os fatos sancionaram o planejamento.

F — EVOLUÇÃO DOS ACONTECIMENTOS

A 28 de julho, o Destacamento JOÃO MANUEL MENA BARRETO iniciou o deslocamento. A 1 de agosto, foi a vez do 1º Corpo, seguido 24 horas depois pelo Segundo. De acordo com as ordens recebidas, mandou OSÓRIO verificar a subida de MBOBICUÁ e viu-se então que a mesma não se prestava ao deslocamento de grandes efetivos. Continuou pois a marcha, no sentido W-L. O 1º Corpo penetrou no Desfiladeiro de SAPUCAÍ, reduzindo as residências lá encontradas. A 7 de agosto, atingia-se a Estrada de VALENZUELA (Fig. 2), com os Corpos de Exército ainda escalonados em profundidade, mas já agora, com o Destacamento JOÃO MANUEL incorporado ao 2º Corpo de Exército. Em fim de jornada alcançou-se VALENZUELA, onde se estacionou. A localidade foi encontrada deserta. Às 06,30 horas do dia seguinte, 8 de agosto, prosseguiu-se sobre PERIBEBUÍ. Marchou-se toda jornada deste dia e no fim da de 9, cobriu-se o Conde D'Eu, lançando na direção de BARRERO GRANDE a 1ª DC, ao comando do Coronel OLIVEIRA BUENO, a qual posteriormente reforçou. No dia 10 de agosto, o Exército Aliado defrontou-se com PERIBEBUÍ. A localidade estava defendida por uma trincheira e artilhada com dezoito canhões. Na praça estavam 1.800 homens ao comando do Ten-Cel PABLO CABALLERO. Às 06,30 horas de 12 de agosto, desencadeou-se o bombardeio e às 08,30, ao toque de avançar, três colunas progrediram sobre a cidade, com engenheiros e infantess atuando em perfeita coordenação. Às 08,45 horas, os primeiros brasileiros entraram em PERIBEBUÍ. Os paraguaios perderam 1.800 homens dos quais 700 mortos. Perderam também, além de toda artilharia, doze bandeiras.

As baixas aliadas somaram apenas 498 homens, dentre os quais estava o bravo Brigadeiro JOÃO MANUEL MENA BARRETO, cuja memória a Pátria imortalizou, ao denominar de JOÃO MANUEL, o atual 2º RC, de parada na cidade de SÃO BORJA. Cidade na qual, a 10 de julho de 1865, o heróico MENA BARRETO, como Tenente-Coronel, enfrentou, pela primeira vez, os paraguaios, que após transpor o rio URUGUAI invadiam o BRASIL.

No combate de PERIBEBUI, foi OSÓRIO, mais uma vez, o herói da jornada. SOLANO LOPEZ ainda desta feita não foi encontrado: não estava no meio dos seus bravos e leais soldados. Permanecera em ASCURRA e ao tomar conhecimento da derrota, escapou-se na direção NE, buscando alcançar CARAGUATAÍ. Para tanto, articulou sua tropa de ainda doze mil homens, em dois grupamentos de aproximadamente seis mil homens. A vanguarda, com a qual se deslocava o próprio marechal era comandada por RESQUIN e a retaguarda era comandada por CABALLERO.

Conquistada PERIBEBUI, cortada estava a possibilidade de EL SUPREMO dirigir-se para leste. Ao Conde Gastão acudiam duas ordens de idéia. Poderia, mantendo PERIBEBUI, lançar-se com a maioria dos meios sobre BARRERO GRANDE, enquanto o Destacamento MITRE seria acionado sobre TOBATI. Era uma manobra ousada, mas que coroada de êxito cortaria a possibilidade de LOPEZ evadir-se para o Norte.

Poderia, também, procurar decidir a luta na região de ASCURRA, apossando-se de CAACUPÊ e fechando conseqüentemente tôdas as saídas de ASCURRA.

Ao meio-dia de 13 de agosto, após determinar novo deslocamento da 1ª DC, que refluía de BARRERO GRANDE durante os acontecimentos de 10 de agosto, para aquela localidade, em missão de cobertura, determinou o Comando-em-Chefe o deslocamento do grosso na direção de CAACUPÊ, com o 1º C Ex na Testa e o 2º C Ex fazendo a retaguarda.

A 15 de agosto, tem conhecimento o Conde, que na véspera, LOPEZ abandonara ASCURRA. Determina, então, que o 2º C Ex retroagisse; com o 1º C Ex prossegue sobre CAACUPÊ, que alcança ainda, às 13,00 horas daquele dia e onde estabelece contato com o Destacamento EMÍLIO MITRE, utilizando-se da subida de ASCURRA. Criava-se, assim, para o Exército Aliado uma nova rota de suprimento. Em CAACUPÊ ainda são encontrados elementos de CABALLERO, mas a perseguição que se impunha não é realizada, pois o estado da cavallhada não mais o permitia.

As seis horas e um quarto do dia 16 de agosto, o 1º C Ex, agora ao comando do Brigadeiro JOÃO LUÍS MENA BARRETO, já que naquela manhã o Tenente-General OSÓRIO se retirou para ASSUNÇÃO, em conseqüência do agravamento dos seus males, marchou para o Norte, pela estrada que passava por NU-GUAZU. Lançavam-se assim os dois Corpos, em movimento convergente sobre CARAGUATAÍ. O 2º Corpo, ao comando do Marechal VITORINO, desde o dia 15, deslocara-se na direção geral, PERIBEBUI — BARRERO GRANDE — CARAGUATAÍ,

e o 1º Corpo, com o qual marchava o Comando-em-Chefe, na direção acima descrita. (Fig. 2)

As duas estradas por onde marchavam os Corpos de Exército encontravam-se na Picada de CAAGUIJURU, fazendo um "V" (Fig. 3). Nas proximidades deste "V", a que vinha de CAACUPE, cortava inicialmente o arroio IUQUIRI afluente do PERIBEBUÍ e em seguida, o próprio PERIBEBUÍ.

Às sete horas de 16 de agosto, o 1º Corpo começa a ouvir o troar da artilharia do 2º C Ex. Às oito horas, ao desembocar num campo limpo, próximo ao arroio IUQUIRI, a vanguarda estabelece contato com o inimigo. O grosso, composto de três Brigadas de Infantaria, alivia a mochila e cerra em "marche-marche". Inicialmente, a 6ª e a 2ª atacam frontalmente o inimigo, que manobra agora, procurando o "passo". A 8ª Brigada ataca o flanco direito da tropa de CABALLERO. O combate é renhido. O Coronel PEDRA, Comandante do grosso, ao tentar atravessar o arroio, é lanceado no pescoço, caindo n'água. Salvou-se milagrosamente.

A uma hora e quarenta e cinco da tarde, a 4ª Brigada de Cavalaria, que naquele dia fazia a retaguarda, chegou à frente e ataca o flanco esquerdo paraguaio, já na margem oposta do IUQUIRI, estabelecendo contato com as forças do 2º Corpo, às margens do PERIBEBUÍ.

O que se vinha passando com o 2º Corpo?

Às sete da manhã a vanguarda do 2º Corpo, ao comando do General CÂMARA, atingira a picada de CAAGUIJURU e tentara, à viva força, apossar-se dela. Sente então CORREA DA CÂMARA que seu flanco esquerdo estava sendo seriamente hostilizado por uma força que se veio depois a precisar como tendo um valor de 2.000 homens e oito (8) bôcas de fogo. Devidamente reforçado por mais uma Brigada de Cavalaria, quatro batalhões de infantaria e oito bôcas de fogo, CORREA CÂMARA atua contra aqueles elementos. Fica assim CABALLERO entre dois fogos. A retaguarda caçada pelo 1º Corpo de Exército no Passo do IUQUIRI e a vanguarda acometida pelo 2º Corpo e lançada sobre a ponte do PERIBEBUÍ.

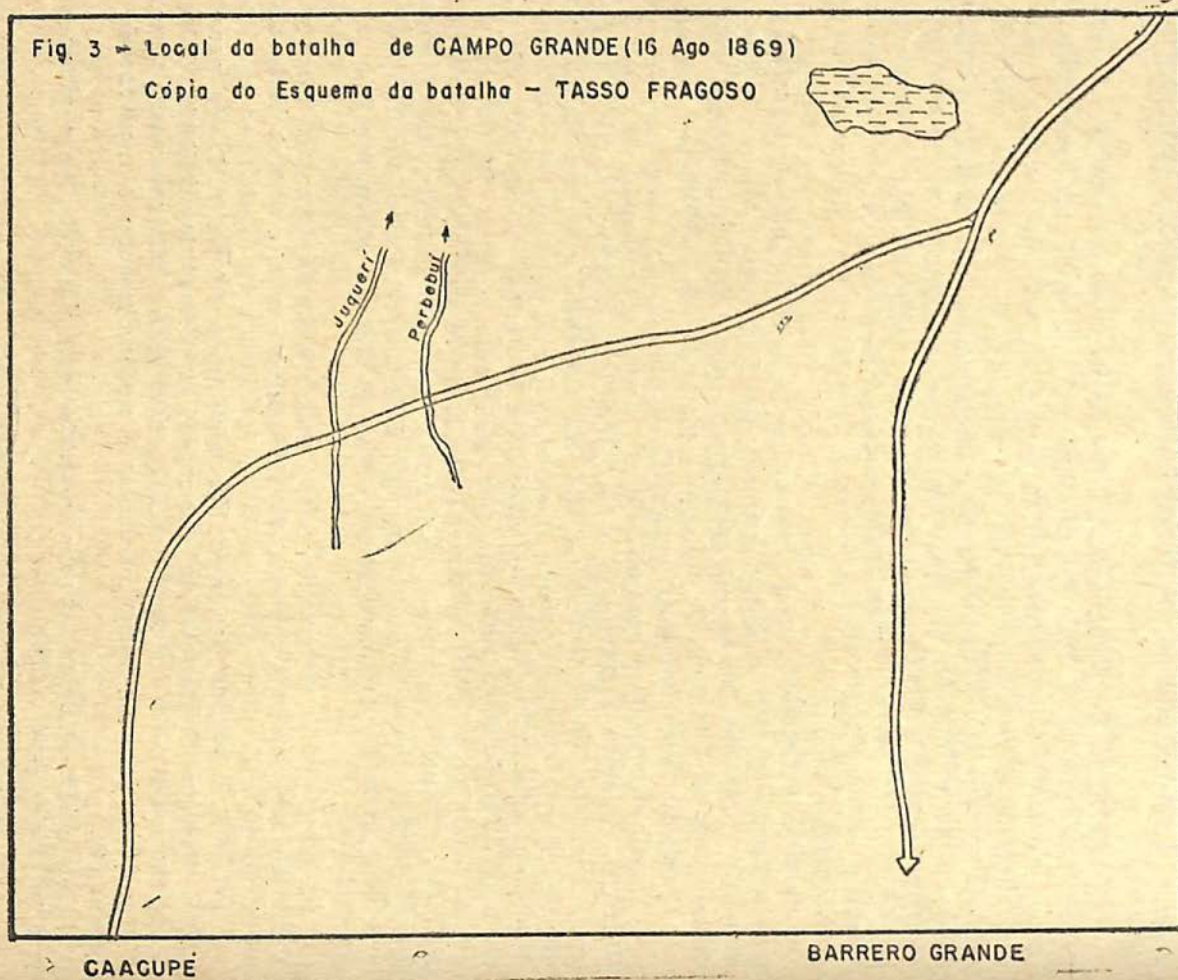
Às quinze horas o combate estava terminado. Às dezesseis horas o Conde Gastão atravessa a ponte do PERIBEBUÍ e se coloca à testa do 2º Corpo de Exército.

Esta foi a Batalha de Campo Grande ou de NU-GUAZU. Os paraguaios tiveram completamente destruído o Corpo de CABALLERO: 2.000 mortos e 1.300 feridos. Perderam quarenta e duas carretas e vinte e três bôcas de fogo; várias bandeiras e muito armamento moderno de infantaria.

CABALLERO "apiou" de sua montada, cavalo assustado e refúgio e a pé fugiu pelo mato.

Mais uma vez, SOLANO LOPEZ escapava.

No dia 18, prosseguem os aliados para o Norte, reforçado agora com o Destacamento EMÍLIO MITRE. Ainda neste dia, o 2º Corpo e o Destacamento MITRE acamparam em CARAGUATAÍ. Foi determinado ao 1º Corpo que se mantivesse em ALFONSO, duas léguas e meia aquém



de CARAGUATAÍ. A 19, o Destacamento MITRE inicia a perseguição, recalcando a 21, nas margens do HONDO, uma força inimiga.

A 22, porém, exaurido, o Destacamento MITRE contramarcha.

Estávamos em fins de agosto de 1869 e a manobra de PERIBEBUI, bem concatenada manobra de desbordamento, fracassara. LOPEZ escapara para o norte do MANDUVIRÁ, acompanhado ainda por 6.000 homens.

A Manobra de São Joaquin

Com o mês de agosto, foram-se também as esperanças do Conde D'Eu, de capturar ou fazer desaparecer do cenário político o Ditador SOLANO LOPEZ e assim pôr termo a tão sangrenta luta.

Nova manobra imagina então o príncipe consorte, em busca deste desejo. Vejamo-la:

A 3 de setembro de 1869, dirige o Conde D'Eu ao comandante interino do 2º Corpo de Exército, Marechal VITORINO JOSÉ CARNEIRO MONTEIRO, um documento do qual procuraremos extrair a missão dos dois Corpos de Exército:

2º Corpo de Exército: Atuar na direção CARAGUATAÍ — SÃO JOAQUIN, devendo antes assegurar a abertura de uma via de suprimento passando por ENCARNACIÓN — VILA RICA.

1º Corpo de Exército: Deslocar-se pelo rio PARAGUAI até a localidade de ROSÁRIO, posteriormente e simultaneamente com a atuação do 2º Corpo, atuar na direção ROSÁRIO — S. ESTANISLAO. (Fig. 1)

Ao mesmo tempo, um destacamento, ao comando de CORREIA DA CÂMARA, pelo rio PARAGUAI atingiria a localidade de CONCEPCIÓN, para, atuando ao norte do rio JEJUI, limpá-lo dos elementos fiéis ao Ditador LOPEZ bem como capturar o gado lá existente e encaminhá-lo aos Exércitos Aliados. Criava-se, assim, mais uma ameaça ao Marechal LOPEZ.

Em correspondência datada de 19 Set 869, estabelece o Conde Gastão mais um comando subordinado. O Comando das Forças ao sul do MANDUVIRÁ.

A situação do Exército Aliado, em fins de setembro, era a seguinte: O 1º Corpo de Exército, novamente ao comando de OSÓRIO, estacionava em ROSÁRIO. O Destacamento CÂMARA ainda não se deslocara para CONCEPCIÓN. O 2º Corpo, agora ao comando efetivo do Marechal VITORINO, ainda permanece em CARAGUATAÍ. Já lançou sobre SÃO JOAQUIN, ao comando do General CARLOS RESIN, um destacamento. Desde o dia 21 que o destacamento se apossou da localidade, mas sofre grandes dificuldades quanto a suprimentos. Entrementes, a Divisão PORTINHO marchou para SE, atingiu VILA RICA e prosseguirá sobre ENCARNACIÓN. O General POLIDORO assumiu o comando das forças ao sul do MANDUVIRÁ.

O que veio a ser este Comando?

Recebia o Tenente-General POLIDORO o comando de todas as forças estacionadas ao sul do MANDUVIRÁ ou que lá viessem a estacionar.

Recebia, diz textualmente a correspondência do Comando-em-Chefe, as atribuições de Comandante de Corpo de Exército; e mais as seguintes: demitir de emprego, qualquer oficial que estivesse debaixo daquela esfera de comando; autorizar oficiais e praças a se recolherem ao Brasil; remover forças; soltar presos; recolher material ao Brasil e por fim "não se descuidar de concorrer para que, quando possível, sejam abastecidas de víveres e forragens as diferentes forças que têm de operar no norte interior desta República".

Assim em 1869, criava o Conde D'Eu um escalão territorial de comando, hoje consagrado, numa medida que se antecipava cerca de cinquenta anos às mais eficientes organizações militares. As atribuições estabelecidas pelo Conde continham em germe todas as previstas no manual "Administração em Campanha", em emprego correntemente na ECEME. Neste se lê: "Zona de Administração" é a parte do TO compreendida entre o limite posterior do TO e o limite posterior da ZC; sua área deve permitir o funcionamento e a defesa em condições satisfatórias, dos órgãos de suprimento, evacuação, transporte, serviços e outros de natureza administrativa, necessários para o apoio da "Zona de Combate". Outras não eram, na ocasião, as instalações existentes ou a criar ao sul do MANDUVIRÁ, particularmente em ASSUNÇÃO e VILA RICA.

Conceituando numa síntese a Zona Administrativa, diremos que ela busca aliviar os comandos empenhados na ZC das tarefas de suprimento e evacuação, bem como guarda as instalações administrativas de maior vulto, necessárias à vida em campanha. As obrigações impostas pelo Comando-em-Chefe ao Comando das Forças ao sul do MANDUVIRÁ, traduzem, sem sombra de dúvida, os conceitos acima emitidos.

Tomava, assim, o Conde D'Eu, em 1869, uma medida que seria muitos anos depois adotada pelos mais poderosos exércitos, e que passaria a ter então caráter de novidade, sendo como tal avidamente incorporada à Doutrina Militar Brasileira.

Na manobra de SÃO JOAQUIN, um outro aspecto está a merecer atenção pormenorizada. Trata-se da missão atribuída ao Brigadeiro JOSÉ ANTÔNIO CORREIA DA CÂMARA.

Não seria a primeira vez que iríamos utilizar o rio como via de acesso para as Forças Aliadas.

Em abril de 1869, já o utilizara o Destacamento BUENO, ao se deslocar pelo rio para atuar contra ROSÁRIO, tendo prosseguido posteriormente até SÃO PEDRO, já então ao comando do próprio CÂMARA.

Agora, porém, a manobra não será uma simples incursão. É um destacamento de 2.600 homens: uma Brigada de Infantaria e duas Brigadas de Cavalaria. A atuação far-se-á agora, não apenas para "apressar" e sim também "descobrir quais as estradas ou picadas, que porventura comuniquem o Departamento de CONCEPCIÓN, com os de IGATIMI e observá-las de modo a obstar que por ali o inimigo consiga retirar-se para os confins setentrional da República, no caso de se ver expulso dos Distritos de CARAGUATAÍ e IGATIMI.

Era, pois, a missão atribuída ao General CÂMARA, uma nítida manobra de envolvimento, delineada com a precisão da letra do regulamento: "procurar contornar e evitar o grosso do inimigo e atingir um objetivo situado profundamente à sua retaguarda. A finalidade desta manobra é forçar o inimigo a abandonar sua posição ou desviar forças importantes para fazer face à ameaça. O inimigo é, então, destruído no terreno escolhido pelo atacante. A força que executa o envolvimento está, normalmente, além da distância de apoio de qualquer outra força terrestre atacante". Ainda no C 100-5 encontramos: "o envolvimento conquistou uma zona vital, situada profundamente à retaguarda, a fim de evitar a retirada e o apoio ou reforço das forças adversárias".

O que se buscava com o Destacamento CÂMARA? atingir pela via fluvial o território de onde LOPEZ ainda poderia carrear recursos indispensáveis à manutenção do exército que lhe era fiel, e cortando-lhe as ligações com o Departamento de IGATIMY evitar-lhe a fuga, levando-o ao desespero e a destruição no Departamento de CARAGUATAÍ.

LOPEZ, porém, mais uma vez escapará. No dia 13 de outubro, atinge o 1º Corpo de Exército, a localidade de S. ESTANISLAO. O ditador não mais foi encontrado. Fugira ao cerco, internando-se mais ainda na direção do norte.

Quatro meses e meio restariam de guerra, que não mais ensejariam grandes batalhas ou manobras de vulto. Ir-se-ia, então, aproveitar o bem lançado movimento do General CÂMARA e prosseguir tenazmente com pequenas frações na perseguição ao EL SUPREMO. LOPEZ continuaria fugindo à luta. Mas, em se aproveitando habilmente do conhecimento que possuía do terreno, obrigaria os aliados a uma verdadeira caçada.

Não terminou, pois, a guerra do PARAGUAI com uma grande batalha que servisse de coroamento a uma bela manobra.

Manobras houve e bem traçadas, permitindo que se diga da capacidade do jovem chefe militar que as idealizou. O adversário, porém, se lançou a uma outra guerra. Guerra feia, se assim se pode dizer, mas tenaz. A tudo, porém, acudiu o Conde D'Eu, que soube aliar à concepção de duas belas manobras: o desbordamento de PERIBEBUÍ e o envolvimento fluvial de S. JOAQUIN, as qualidades necessárias para enfrentar uma guerra, que já se apresentava com característica de GUERRA IRREGULAR.

BIBLIOGRAFIA

- 1) *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai* — Tasso Fragoso.
- 2) *Diário do Exército* — Visconde Taunay.
- 3) *Método para Estudo de um Curso Histórico* — Major Moacyr Pereira.
- 4) N. 29 da Revista NAÇÃO ARMADA.
- 5) *A Campanha das Cordilheiras* — Coronel Antônio José Dias de Oliveira — "Revista do Instituto Histórico" — Primeiro Congresso de História Nacional — Parte V.

ASPECTOS IRREGULARES DA CAMPANHA DA CORDILHEIRA

Afirmamos na primeira parte dêste trabalho, que SOLANO LOPEZ emprestara as últimas ações das forças que lhe permaneciam fiéis, um cunho nitidamente "irregular". É evidente, que não temos hoje como afirmar, se esta conduta foi adotada premeditadamente por El Supremo, ou se foi fruto apenas, da necessidade de autoconservação. Qualquer que tenha sido porém, a causa determinante, em nada fica diminuído o mérito daqueles que o enfrentaram e venceram.

O que é Guerra Irregular? Terá a Guerra Irregular, exclusivamente, como manifestação própria a Guerra Revolucionária ou Insurrecional? Poderá um país mais fraco, enfrentar um outro mais poderoso, sem abrir mão da estrutura legal própria, realizando Guerra Irregular?

A Guerra Irregular é a manifestação por excelência, daquilo que de há muito se vem chamando de Guerra Indireta. Isto é, guerra que busca desgastar o inimigo, material e psicologicamente, evitando tanto quanto possível a batalha. Se êste objetivo é conseguido pela utilização de meios e métodos que fogem à normalidade, admitidos como tal, o armamento e os Princípios de Guerra, da guerra dita clássica ou convencional, temos então a Guerra Irregular.

A Guerra Indireta e o seu corolário: a Guerra Irregular, têm sido através do tempo, a guerra que o mais fraco realizava contra o mais forte; que o invadido fazia contra o invasor. Está presente em tôdas as páginas da História, em tôdas as épocas e em todos os lugares. No século XVII, por exemplo, a chamada Insurreição Geral Pernambucana foi uma manifestação típica dêste tipo de conflito.

No século que estamos vivendo, a Guerra Irregular é uma constante; foi a guerra que na conflagração de 1939, os alemães tiveram que enfrentar em quase toda Europa, que conquistaram mas não puderam dominar; de lá têm se valido os comunistas para consecução dos desígnios de conquista de que estão possuídos. Reveste-se agora a Guerra Irregular de especial matiz: tornou-se Revolucionária ou Insurrecional.

Partindo pois da conceituação inicial de Guerra Indireta e passando pela de Guerra Irregular, vamos chegar a uma definição de Guerra Revolucionária: "Guerra que busca desgastar o inimigo, material e psicologicamente, evitando tanto quanto possível a batalha e utilizando meios e métodos de combate que fogem ao emprego corrente, tudo com a finalidade de conquistar o poder político e destruir uma dada ordem social".

E's pois aí, a inteligência que emprestamos ao conceito tão em voga. Por ela é fácil compreender, que uma Guerra Irregular não será forçosamente uma Guerra Revolucionária e que uma Guerra Revolucionária, excepcionalmente, poderá não ser Irregular.

A guerra será direta ou indireta, regular ou irregular em consonância com a maneira pela qual é conduzida; será revolucionária ou in-

surreccional, se encerrar aspecto político, que justifique esta denominação.

Ainda algumas considerações: os mais exigentes procuram diferenciar a Guerra Revolucionária da Guerra Insurreccional; esta minúcia, porém, não afeta a compreensão do presente ensaio. Dificilmente a Guerra Irregular, por si só, conduz a resultados definitivos; quase sempre exige, a participação oportuna de uma ação militar regular ou a realização de uma intervenção diplomática.

Assim, quando afirmamos que a conduta final do Exército Paraguai na Guerra da Tríplice Aliança, foi uma conduta própria da Guerra Irregular, estamos certos. Em nenhum momento as forças paraguaias procuraram o combate, só o aceitando quando premidas pelos Exércitos Aliados. A ação dos nossos então adversários, caracterizava-se por dois aspectos: a atuação de pequenos elementos, os quais sempre fugiam do engajamento e o estabelecimento de verdadeiros vazios à frente dos Exércitos Aliados, que cada vez mais tendo que marchar em regiões desconhecidas e inóspitas, se viam assoberbados por graves problemas de suprimentos, que lhes tolhiam os movimentos e os aniquilavam pela fome, fome que encontrava na doença e nos anos da guerra, que já se contavam por muito, os seus maiores aliados. Para que não se diga que incorremos em exagero, é oportuno lembrar que no banquete oferecido ao Visconde do Rio Branco em Assunção, quando este para lá transferiu-se, o Major ANFRÍSIO FIALHO usou da palavra para pregar as vantagens do estabelecimento imediato de uma paz negociada. Destarte, após anos de vitoriosas lutas, nos quais avultariam os sucessos de dezembro de 1868, o moral do Exército Aliado ressentia-se em face do tipo de operações que tinha agora de empreender.

Não fiquemos porém nesta análise perfunctória. Examinemos mais detidamente os aspectos da campanha e busquemos ver até que ponto, podemos classificá-los como "irregulares".

Uma Guerra Irregular exige por suas condições peculiares, a presença de um líder, capaz de incutir nos combatentes, um moral que lhes permita enfrentar em condições desvantajosas um exército regular e acutilá-lo sem desfalecimento. O valor dêste chefe avulta, porque aos irregulares, as vitórias quando conseguidas, custam sempre alto preço em vidas; porque nem sempre os feridos podem ser socorridos e os mortos enterrados.

SOLANO LOPEZ foi, inegavelmente, um tirano sanguinário. Sem nos determos na atuação de El Supremo na política interna da brava pátria guarani, fatos como a existência das "destinadas" e do Campo de Prisioneiros do ESPADIM, corroboram a afirmativa acima feita. É inegável porém, que o bravo povo paraguaio manteve-se nas horas de infortúnio, bem mais coeso do que seria de esperar. Guardasse o ditador uma conduta à altura daquela brava gente e teria possivelmente criado uma situação de impasse, com grande desdouro para os países da Tríplice Aliança. Faltou-lhe, contudo, gênio militar e até a coragem,

de que apenas soube fazer alarde ao morrer, mas que nunca esteve presente em outras ocasiões. Se LOPEZ imaginou este tipo de guerra, faltou-lhe capacidade para executá-lo. Se algum êxito obteve, prolongando por mais um ano as operações, deve aos bravos soldados e ao indômito povo paraguaio.

Outro fator de sucesso na conduta de uma Guerra Irregular é a existência de uma apropriada base geográfica, pouco habitada, de difícil acesso e fácil defesa. O norte do PARAGUAY, em particular a CORDILHEIRA, apresentava condições que se ajustavam como uma luva aos desígnios de uma campanha irregular.

Não soube o ditador aproveitar tão útil aliado. Deixou-se ficar estático, esperando sempre, que do inimigo partisse a iniciativa. Batia-se via de regra, quando outra coisa não lhe era possível fazer. É bem verdade que havia a atuação dos "bombeiros"; que os Destacamentos ROMERO e GALDEANO exerciam alguma atividade; que freqüentemente a ferrovia ASSUNÇÃO-PIRAYU era atacada. Muito mais, todavia poder-se-ia ter conseguido, se por exemplo todos os acessos da CORDILHEIRA tivessem sido efetivamente guardados.

É inegável que foi judiciosa a solução adotada, de trazer a luta para a região norte do país, tanto que, quando todos acreditavam que a guerra estivesse finda, ela se prolongou por mais quatorze meses.

Para obtenção do êxito, neste tipo de guerra, é de essencial importância também o apoio da população civil. O estudo imparcial dos fatos demonstra, que mais de uma vez SOLANO LOPEZ enfrentou dissensões, até mesmo com familiares. No início do ano de 1869, já combatia ao lado das Forças Aliadas, a Legião Paraguaia e em agosto daquele mesmo ano, se instalava no país um governo provisório. É inegável todavia, que El Supremo sufocou com violência todas as rebeldias intestinas e manteve o apoio da maioria do povo e da quase totalidade da força armada. Para isto não escolheu processo: matou, intrigou e aliciou, mas conseguiu seu propósito. Esta solidariedade do povo paraguaio àquele governante foi inegavelmente o fator decisivo para que a resistência se prolongasse além do que seria lícito esperar da força humana. Pena é, que o povo fôsse mais digno do que o dirigente.

Falta-nos ainda averiguar, se os processos de combate postos então em prática pelo Exército Paraguaio foram processos regulares.

Como já vimos anteriormente, a Campanha da Cordilheira apresentou aspectos regulares, alguns mesmo contendo belos ensinamentos. De uma certa época em diante porém, os nossos adversários não mais usavam os métodos habituais de combate. Mesmo admitindo-se, que esta foi uma atitude imposta, o fato é que processos irregulares foram postos em prática. Senão vejamos: quem se afastasse dos acampamentos aliados, distância maior que recomendasse a prudência, era morto ou aprisionado por pequenas partidas ou emboscadas. Era a atuação dos que ficaram conhecidos como "bombeiros". Não eram grupos de ação coordenada; inquietavam contudo a nossa tropa e che-

garam a impor ao Comandante-em-Chefe uma recomendação especial aos comandantes dos Corpos. Ativa foi também a atuação dos nossos adversários, contra a ferrovia em funcionamento. Para que se possa ter uma idéia, do valor desta atuação, basta que se diga que entre os dias 26 de maio e 10 de julho de 1869 foram realizadas quatro ações de sabotagem contra aquela vital linha de abastecimento aliada. No dia 26 de maio tentaram incendiar e destruir alguns pontilhões nas proximidades da estação terminal, quando até machados foram apreendidos após a mal sucedida tentativa; no dia 8 de junho foi a vez da Ponte de IBIRAY, que entre outros danos teve vários esteios inutilizados, sem que a guarda da ponte pressentisse o que se estava passando; no dia 3 de julho, nas proximidades da Estação de PIRAYU cinco bombas foram encontradas, sendo que duas chegaram a explodir, embora sem resultado apreciável; menos de 10 dias depois, mais precisamente no dia dez de julho, a tropa argentina encontrou e recolheu duas bombas de fabricação semelhante as já encontradas.

Estes incidentes obrigaram o comando aliado, ao iniciar o deslocamento para a Manobra de PERIBEBUY, a destinar um terço do efetivo disponível para segurança da ferrovia.

Concluindo convém ainda ressaltar, que a própria ação dos destacamentos ROMERO e GALDEANO, visava antes de mais nada estabelecer um vazio em torno das Forças Aliadas.

Nos parece pois, demonstrado à saciedade, que LOPEZ procurou conduzir este final da guerra, nos moldes de Guerra Indireta, com fortes características de Guerra Irregular, inclusive a procura constante de conseguir pressão diplomática sobre o Império Brasileiro, pressão a qual nunca esteve indiferente o Diplomata americano MAC MAHON.

A tudo e a todos venceu o Império do Brasil, graças ao valor daqueles que na ocasião lhe dirigiam os destinos.

E como o Conde D'Eu conseguiu anular os planos de SOLANO LOPEZ?

Providências de duas ordens foram tomadas pelo Comando-em-Chefe: no campo político e no campo militar.

É evidente que não podemos atribuir estas medidas, exclusivamente ao príncipe. Assessorando-o, estava o experimentado e brilhante JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS, ao qual possivelmente devem ser creditadas as medidas de ordem política. Isto em nada desmerece a atuação do jovem general, pelo contrário, é um testemunho da sadia compreensão que o mesmo revelava da alta função cujo desempenho lhe fôra confiado.

Quais as medidas políticas tomadas pela Tríplice Aliança?

A primeira medida de grande alcance, foi a existência, agora de baixo de bandeira própria, dentro das Forças Aliadas de um contingente paraguaio. A Legião Paraguaia, que já se vinha batendo, recebeu

em fins de março de 1869, a bandeira paraguaia, que assim se incorporou às bandeiras aliadas.

O que representou, de perda de prestígio para SOLANO LOPEZ, esta medida, basta que se diga, que por duas vezes o ditador paraguaio oficiou furiosamente ao comando-em-chefe aliado apresentando protesto. No primeiro dos ofícios, datado de 29 de maio de 1869, exige a devoção da bandeira, ameaçando com represálias se não for atendido. Posteriormente, no dia 3 de julho volta à carga, e desta como da outra oportunidade nada consegue.

Das mais positivas, foi a inteligente medida política das Potências Aliadas, de apoiarem a criação de um novo governo, que disputasse ao ditador o título de dirigente legal do povo paraguaio. Desde 31 de março de 1869, que patriotas reunidos em ASSUNÇÃO, designaram uma comissão para estabelecer contato com as potências aliadas e obter permissão para criação de um governo provisório. O Império do Brasil atuou desde logo junto aos outros governos aliados, no sentido de que esta pretensão fôsse bem recebida. A 25 de maio, o Sargento CIRILO RIVAROLA, na vida civil advogado, e que ganhara notoriedade por uma constante atuação contra o tirano, foi aprisionado. Pôsto em liberdade, iniciou RIVAROLA forte atividade política, acompanhada prudentemente pelo comandante da praça de ASSUNÇÃO.

A 2 de junho de 1869, assinou-se o protocolo que estabelecia as condições para o funcionamento do governo provisório paraguaio.

A 15 de agosto o governo estava estabelecido: um triunvirato composto de CIRILO RIVAROLA, CARLOS LOIZAGA e JOSÉ DIAZ BEDOYA.

Como um de seus primeiros atos, quarenta e oito horas após estabelecido, o novo governo declarou LOPEZ: "fora da lei e para sempre banido do solo paraguaio, como assassino de sua pátria e inimigo do gênero humano".

Arrebatava-se ao ditador, o galardão de líder do povo paraguaio e mais do que isto, antepunha-se-lhe, novos, legítimos e legitimados chefes. Em fins de outubro, a quase totalidade do território paraguaio se encontrava sob controle do novo governo estabelecido.

Ainda dentro desta política, de valorizar os genuínos homens públicos aos quais devia caber por todos os títulos, a liderança da nobre nação guarani, oficiou Sua Alteza Real, em 12 de setembro de 1869 ao governo provisório recomendando-lhe que fosse decretada a Abolição da Escravatura.

Os que se preocupam com as características que as guerras vêm apresentando e que procuram estabelecer normas e técnicas para enfrentá-las, não podem deixar de estudar a atividade política exercida naqueles dias, pelo comando das Forças Aliadas.

Digna de meditação é também a maneira pela qual foram conduzidas as operações militares.

A primeira preocupação do comando aliado foi isolar o "refúgio geográfico" no qual LOPEZ se escondera.

Vimos na primeira parte do estudo, que o Conde D'Eu assumiu o comando das Forças Brasileiras no dia 16 de abril de 1869, e desde logo reiterou ao General PORTINHO, a ordem anteriormente dada pelo General GUILHERME DE SOUZA para que transpusesse o PARANÁ e se dirigisse a VILA RICA. (Fig 2). Logo a seguir, no dia 4 de maio duas expedições partem na direção SE: a do Coronel JOÃO NUNES DA SILVA TAVARES e a do Coronel ANTONIO PEREIRA JÚNIOR, que atingem a linha AREGUÁ-ITAGUÁ-ITÁ. De imediato, o Coronel uruguaio HIPÓLITO CORONADO marcha sobre YBICUY. Buscava-se assim o isolamento pelo sul.

Igualmente, a preocupação de isolar a CORDILHEIRA por Oeste, se fez presente. Procurou-se desde logo, fazer desaparecer toda possibilidade de qualquer navio paraguaio singrar novamente as águas do rio. Determinou-se que uma expedição fluvial subisse o MANDUVIRÁ até onde possível fôsse; obteve-se então, a certeza de que da esquadra inimiga nada mais restava.

Ao assumir a direção do Exército Brasileiro já encontrara o Príncipe atuando ao Norte da CORDILHEIRA, tendo como base a localidade a ROSÁRIO uma coluna comandada pelo Coronel OLIVEIRA BUENO. Resolveu o generalíssimo ampliar o raio de ação desta força, a qual reforça com a 2ª Divisão de Cavalaria, do General Câmara, sob cujo mando ficará agora toda expedição. Ordenou-lhe então o Príncipe, que estendesse sua ação, tomando agora como base a vila de SÃO PEDRO, mais ao norte, que a vila de ROSÁRIO. ♦ ♦ ♦

A decisão que presidiu a manobra de PERIBEBUY é mais um elemento de convicção: "atuar por VALENZUELA para apossar-se sucessivamente de PERIBEBUY e ASCURRA". (Fig. 2).

Para que não se diga porém que a imaginação guiou nossa mente, fazendo descobrir intenções, onde só havia acaso, encerramos este tópico com a transcrição de um trecho do Diário do Exército, referente ao dia trinta de maio de 1869: "Os diversos sucessos que se haviam dado ultimamente, tendiam a apertar o inimigo na zona de montanhas em que ele está metido. No norte uma expedição importante marchava ao encontro de uma coluna paraguaia, cujo fim principal era guardar a linha de recursos que ligava a parte setentrional da república com o departamento da cordilheira; a Oeste ficara, pela ocupação do vale do PIRAIÚ, interceptada a comunicação com o litoral do Paraguai, que poderia, por meio de contrabando, fornecer elementos de resistência, e o Sul estava ameaçado da iminente invasão do General PORTINHO que devia se achar a caminho para VILA RICA, depois de atravessar o PARANÁ, (Fig 2).

Outro aspecto, também tipicamente de combate à Guerra Irregular foi a preocupação de articular os elementos combatentes, em frações, que pelo tamanho e característica, melhor permitissem a realização da

perseguição. Assim, no dia 25 de novembro de 1869 era público em ordem do dia, a reorganização das Fôrças Aliadas. Vale a pena transcrever dois períodos desta ordem, que demonstram nitidamente o pensamento que norteava o Comando: "Atendendo à disseminação das fôrças que resulta da atual fase das operações, fica extinta a denominação de corpos de exército". "Atendendo a que a natureza das operações não permite reunir mais cavalaria senão em massas pequenas em cada ponto, ficam extintas as divisões de cavalaria".

Nos dias atuais um escritor militar brasileiro, MEIRA MATOS, assim descreveu as tropas da contraguerrilha. "Em resumo, dada a natureza do inimigo — tipo infantaria e suas características de combate, mobilidade e fluidez — deverá a tropa encarregada da contraguerrilha, se quiser conservar sua iniciativa tática, adaptar-se às condições peculiares da rasa campanha revelando no combate, pelo menos, igual mobilidade, aliada a muito maior potência de fogo móvel".

Há exatamente um século, travava-se no continente sul-americano um conflito bélico de grandes proporções. Ao fim de cerca de quatro anos de luta, um dos contendores não mais se podendo opor em fôrça, procurou travar uma guerra indireta, com nítidas características de Guerra Irregular, na esperança de esvair o adversário ou de conseguir por uma intervenção diplomática, uma solução que lhe amortecesse o amargor da merecida derrota. O outro contendor porém, pela adoção de inteligentes medidas, quer militares quer políticas, anulou com eficiência tôdas as manobras engendradas. Hoje, olhando para trás, forçados somos a reconhecer o valor militar e político daqueles cuja conduta então, constitue para a nossa geração fonte de estudo, meditação e orgulho.

BIBLIOGRAFIA

- 1) Influências das civilizações nos tipos de Guerra — Ten-Cel SUIRE — Tradução do Cel RAIMUNDO TELES PINHEIRO.
- 2) A técnica e a tática da Guerra Revolucionária — SERZEDELO COELHO.
- 3) Memórias — Visconde de TAUNAY.
- 4) Reminiscências da Campanha do Paraguai — DIONÍSIO CERQUEIRA.
- 5) A Guerra Insurrecional — CARLOS DE MEIRA MATOS.
- 6) Diário do Exército — VISCONDE DE TAUNAY.

O CONDE D'EU, UM CHEFE MILITAR BRASILEIRO

"... o homem é sempre o homem, com os seus defeitos e com as suas qualidades, deixando à história a tarefa de fazer-lhe as contas, para apurar os saldos que medirão a sua benevolência." F. DE PAULA CIDADE.

Ao Conde D'Eu coube o comando das Fôrças Brasileiras, juntamente com o comando em chefe das Fôrças Aliadas, durante a Campanha da Cordilheira.

Quem era êste Conde? LUIZ FELIPE MARIA FERNANDO GASTÃO D'ORLEANS, príncipe francês, neto de um Rei de França, era o espôso da herdeira imperial. Nascido em 28 de abril de 1842, aos seis anos de idade, destronado o rei, conhecia pela primeira vez o exílio. Adolescente, cursou a Academia Militar de SEGÓVIA: bateu-se em MARROCOS, conquistando na Batalha de TETUAN, os galões de capitão, quando ainda não chegara aos vinte anos de idade.

Em dezembro de 1864 casou com a Princesa Isabel, herdeira do trono brasileiro e assim se converteu em príncipe-consorte.

Em setembro de 1865, recém-chegado da viagem de núpcias, pela primeira vez vai ao teatro de operações, acompanhando o Imperador na renção de URUGUAIANA.

No dia 22 de março de 1869 é nomeado comandante em chefe das Fôrças Brasileiras, cargo no qual permaneceu honrosamente até o dia 16 de abril de 1870.

A 17 de novembro de 1889, dirigiu o Conde um officio ao Ministro da Guerra, solicitando exoneração do cargo de Comandante Geral da Artilharia. Exilado mais uma vez estava. Só em 1920 o Presidente EPITÁCIO PESSOA revoga o decreto de banimento e assim, aos setenta e nove anos, pisa novamente o Conde a terra brasileira, no cumprimento da melancólica tarefa de para aqui trazer os restos mortais do último casal imperial.

Em 1922, octogenário, novamente dirige-se ao Brasil para participar do Centenário da Independência. Não lhe será permitido porém, usufruir estas alegrias. Falece em alto-mar, no dia 23 de agosto de 1922, a bordo do navio MASSILA.

Até que ponto, perguntamos, será lícito considerar o Conde D'Eu um soldado Brasileiro?

Era o Brasil, no século XIX uma jovem pátria; da Independência haviam participado, para nossa felicidade, não apenas os que aqui nasceram, mas todos aquêles que amavam a terra acolhedora. Do môço Pedro I, ao homem humilde do povo, a todos a Pátria aceitou, exigindo apenas que a amassem e respeitassem. Não somente aos portugueses; até mesmo aos soldados da fortuna que aqui chegaram e ajudaram a organizar a jovem nação.

Nos idos de 1830, a primeira febre malsã de "nacionalismo" avassalou o país, após a queda de Pedro I. Mas, logo o povo brasileiro reencontrou o natural modo de proceder e as injustiças foram reparadas. O 2º Império, ostenta, não um ou outro chefe militar, nascido em terras alheias, mas uma galeria numerosa, nas Fôrças de Terra e nas Fôrças de Mar. Não seria pois, GASTÃO D'ORLEANS um caso isolado, uma exceção. A República provocou uma onda iconoclasta. Fazia-se necessário destruir tudo que representasse o regime desaparecido e em particular os feitos guerreiros, que não possuíam, é evidente, sabor positivista. Passada a febre, a Nação Brasileira, soube mais uma vez, reverenciar os verdadeiros heróis e reconduzi-los ao altar da pátria. Aproxima-se agora o centenário da Guerra do Paraguai. Sem que isto signifique despreço ao nobre povo guarani, o Brasil deverá aproveitar o ensejo para reverenciar os filhos que naquela luta incruenta prestaram tributo de sofrimento e sangue. E não mais oportuna ocasião haverá, para fazer a GASTÃO D'ORLEANS, a justiça que já tarda, de consagrá-lo, um Soldado do Brasil.

E não estamos sós, ao afirmar que o CONDE D'EU foi um soldado do Brasil. Conosco, está o MARQUÊS DO HERVAL, o bravo "MANÉ LUIS", que assim se expressou: "Brindo o senhor CONDE D'EU, meu companheiro d'armas, pelo seu valor, pela sua coragem e pela justiça com que administrou o Exército. Brindo-o, porque no PARAGUAY deu sempre provas de amar o Brasil e se devotou d'alma ao seu serviço como os brasileiros que lá serviram."

Teria sido porém o CONDE, um autêntico chefe militar? É o que nos propomos provar.

Vejamos inicialmente no C22-10-Princípios de chefia o que é Chefia Militar. Diz o regulamento: "É a arte de influenciar e conduzir homens a um determinado objetivo, obtendo sua obediência, confiança, respeito e leal cooperação. É indispensável ao bom êxito no combate. Como tôdas as outras espécies de chefia é função de qualidades pessoais, que podem ser aperfeiçoadas, e da aplicação de uma técnica que pode ser aprendida". Ainda no citado regulamento encontramos: "Qualidade de chefia é a qualidade pessoal, própria, que concorre para o bom êxito do exercício da chefia".

De que testemunho nos valeremos para estudar a personalidade de GASTÃO D'ORLEANS?

Vamos particularmente nos valer do VISCONDE DE TAUNAY, em duas obras: "O Diário do Exército" e as "Memórias". Taunay foi um áulico no melhor sentido da palavra. Talvez exageremos ao usar a expressão, quando nos referimos à côrte de SÃO CRISTÓVÃO. A família TAUNAY privava indiscutivelmente com a família imperial. O Visconde manteve durante a CAMPANHA DA CORDILHEIRA, o encargo de redigir o "Diário", o que o forçava a uma cerrada convivência com o Conde. Estes fatos não contribuíram porém, para que o depoimento do escritor sôbre o príncipe, fôsse tendencioso; muito pelo contrário, porém; guar-

daram os dois, durante a Campanha, cordiais relações, que escondiam pelo menos por parte do Visconde, gratuita antipatia. Os elevados dotes morais do autor da Retirada da Laguna, nos permitem contudo, aceitar como sincero e interessante o depoimento que nos legou a respeito da pessoa do Comandante em chefe da CAMPANHA DA CORDILHEIRA.

Quais as qualidades de chefia, que definem o chefe? Diz o FN 22-100. — O estudo da vida de chefes militares revela, que muitas das seguintes qualidades são comuns em todos eles.

Integridade;
Cultura profissional e geral;
Coragem física e moral;
Espírito de decisão;
Autoconfiança;
Iniciativa;
Tato;
Sentimento de justiça;
Entusiasmo;
Aparência;
Tenacidade;
Desprendimento;
Lealdade;
Discernimento.

Em que graus estas qualidades são encontradas em GASTÃO D'ORLEANS, particularmente quando exerceu o Comando em chefe das Fôrças Brasileiras? Analisemos.

INTEGRIDADE: íntegro é o chefe que possui indiscutível honestidade e inteireza moral. No Conde, isto foi inegavelmente uma constante. Não apenas, durante a GUERRA DO PARAGUAI, quando até pecou por excesso, no tratamento rigoroso a que submeteu os fornecedores LESICA E LANUS. Não há notícia de uma intriga palaciana, uma negociata, uma trapaça, da qual tenha participado o Príncipe, ou dela se beneficiado.

Homem de caráter reto e de firmes princípios morais, há um documento que o retrata em corpo inteiro. É o ofício que dirige em 17 Nov 1889 a um vitorioso da hora: BENJAMIN CONSTANT:

— “Rogo a V. Exa. me conceda exoneração do cargo de Comandante Geral de Artilharia, que exerço desde o dia 19 de novembro de 1865 e licença para retirar-me do país. Diz-me a consciência que sempre servi à Nação Brasileira, na medida de minhas fôrças e inteligência e procurei guardar justiça com os meus comandados. Dela me despeço saudosamente, assim como de todos os meus camaradas do Exército Brasileiro.

Se não fôssem as circunstâncias que bem contra a minha vontade me obrigam a sair do país e que não são desconhecidas de V. Ex.^a estaria pronto a continuar a servir debaixo de qualquer forma de governo à Nação Brasileira, nação que por tantos anos me acolheu no seu seio,

cumulando-me de honras e enchendo-me de imorredouras saudades e cuja prosperidade e glória serão sempre um dos meus mais ardentes anelos". CULTURA PROFISSIONAL E GERAL: Ao assumir a chefia do Exército Brasileiro em operações, GASTÃO D'ORLEANS era um jovem de 27 anos. Substituiu o mais completo chefe militar do nosso continente ao mesmo tempo que ia comandar generais, cujos bordados se haviam ilustrado em árduas campanhas. O Conde fôra educado na renomada Academia militar de SEGÓVIA. Não possuía é evidente, o tirocínio adquirido pelo exercício do comando, em operações, mas aquela formação inicial regular ser-lhe-ia de muita valia. Na primeira parte deste trabalho, citamos as manobras de PERIBEBUI e de S. ESTANISLAO como capazes de envaidecer o chefe que as concebesse. O fato da primeira ter sido fruto de uma reunião de estado-maior não diminui o valor do chefe, que dentre as propostas que lhe foram apresentadas, soube encontrar a melhor solução. Muito pelo contrário.

Dotado de meticoloso espírito de pesquisa, aliava o Conde ao conhecimento profissional a exata noção das coisas que se passavam ao seu derredor. Desde quando acompanhou o Imperador a URUGUAIANA, observou atentamente todos os aspectos e peculiaridades das Organizações Militares, com que então se deparava pela primeira vez. É evidente que o fruto destas observações, não foi apenas o interessante livro de impressões que nos legou, mas, obviamente, proporcionou ao futuro comandante em chefe, razoável conhecimento da estrutura com que ia lidar.

Côncio do papel de "homem público" era, diz TAUNAY, "de amor sincero ao estudo e consciência no saber".

CORAGEM FISICA E MORAL. É a qualidade mental, que nos permite reconhecer o medo do perigo ou da crítica, mas que nos habilita a proceder diante dêle, com calma e firmeza.

Da coragem física do Conde, selecionaremos, para não sermos fastidiosos, a conduta do jovem general, no combate de NÚ-GUAZÚ, já immortalizada na célebre tela: "A Batalha de Campo Grande", do pintor PEDRO AMÉRICO. A descrição da batalha, muito resumida, se encontra na 1ª parte do presente trabalho. Vamos de caso pensado, valermos-nos das páginas das "Memórias", abandonando o "Diário" por se tratar de publicação oficial.

A vanguarda do 2º Corpo, com a qual marchava o Comandante em chefe, estabeleceu contato com a força paraguaia, por volta das sete horas da manhã. Iniciado o combate "tomara o Príncipe CONDE D'EU à frente e, galopando por todo o trecho restante da picada, chegou, com o seu Estado-Maior, ao campo, onde se estendia extensa força paraguaia".

Resistiam os paraguaios tenazmente e manobravam procurando cobrir o passo do YUQUYRY. Embora já envolvidos pela Brigada DEODORO, impediram nossa primeira tentativa de nos apoderarmos do passo. O Coronel PEDRA ao tentar impulsionar nossas hostes com o exemplo próprio, foi lanceado no pescoço e caiu ao rio. "Aproximara-se dêsse disputado passo, com a maior valentia e sempre com as côres rosadas da tez, o Príncipe, e aí corremos, êle e o Estado-Maior que o acompa-

nhava, pouco atrás grande perigo, pois, o despejar das balas de fuzilaria e de artilharia era contínuo, além das cargas de metralha, que variavam tudo, diante, com crocitante e pavoroso chocalhar da imensa rede de aço, a se abrir no espaço.

O General JOSÉ LUIZ MENA BARRETO, ao galope, de um lado para o outro, e sempre galhardo, voou ao encontro do CONDE D'EU e pediu-lhe que não se expusesse tanto".

Os sucessos continuaram; sigamos ouvindo TAUNAY. "Quando chegamos à zona das balas de fuzilaria ouvi um Soldado dêsse piquete reflexionar: "Olê, aqui está pipocando feio". Nisso veio uma bala rasa de artilharia, que passou bem perto do Conde D'EU, fazendo êste involuntário gesto de surpresa: "Esta o surdão ouviu", disse mais baixo aquêlê mesmo soldado.

Por volta das 14 horas, o 1º Corpo estabeleceu também o contato e os paraguaios ficaram entre dois fogos. Com a cooperação da Brigada de Cavalaria do Coronel HIPÓLITO, o passo é tomado. Imediatamente o Conde o transpõe. Um batalhão paraguaio sai do mato e com terrível fúria lança-se sobre nós.

Este (batalhão atrás do qual nos achávamos) não resistiu ao ímpeto inimigo e debandou, deixando-nos absolutamente sem proteção. Vi-me perdido. O Conde D'EU sacou da espada, no que todos o imitamos e pusemos os cavalos a galope, indo ao encontro da carga..."

O outro aspecto que desejo trazer à consideração dos pacientes leitores, é a coragem moral do jovem general.

Conquistada PERIBEBUÍ, duas alternativas se apresentavam. Ocupar a localidade e prosseguir com o grosso sobre BARRERO GRANDE. Coberto em BARRERO GRANDE, prosseguir sobre CAACUPE. Optou o Conde pela segunda alternativa e como LOPEZ escapou ao cerco, sofreu as mais severas críticas. Ao escrever ao Ministro da Guerra dando-lhe ciência dos acontecimentos, assim se expressou o Comando em chefe:

"Se houve erro, o erro foi só meu. Diz-me porém a consciência que fiz quanto pude e que a Providência visivelmente me protegeu, permitindo-nos alcançar os resultados que tivemos".

Esta é evidentemente a linguagem de um chefe que possui coragem moral.

ESPÍRITO DE DECISÃO. GASTÃO D'ORLEANS foi nomeado Comandante em chefe, em 22 de março de 1869. A 16 de abril, na cidade de LUQUE assumiu as funções. Levando-se em conta os meios de transporte da época, ressalta a presteza com que acudiu ao chamamento. Um mês depois, precisamente a 18 de maio, tirava-se o Exército do torpor determinando-se o deslocamento para TAQUARAL e PIRAYU. A 28 de julho, a flanco guarda de JOÃO MANUEL iniciava a execução da MANOBRA DE PERIBEBUY. A 10 de agosto conquistava-se PERIBEBUY. A 15, apossávamo-nos de ASCURRA. A 16 contramarchava-se sobre BARRERO GRANDE e vencia-se a Batalha de CAMPO GRANDE. Um mês de atividades.

A 3 de setembro, são expedidas as ordens relativas à manobra que chamamos de SÃO JOAQUIN. A 13 de outubro constata-se mais uma vez que LOPEZ escapara ao cerco. A 2 de janeiro de 1870, desloca o Conde o QG para a localidade de ROSÁRIO, ao mesmo tempo que atribuía ao Destacamento CÂMARA, a missão principal do Exército: capturar e destruir o ditador. A 1 de março, com a morte de EL SUPREMO, estava terminada a Guerra.

Um ano de comando em chefe, em região inhóspita, cada vez, mas inhóspita, e no qual esteve sempre presente a pronta decisão do chefe, transmitida incisiva e claramente. Pode-se estranhar, que se transferisse a um elemento subordinado a missão do conjunto. Em que está errada esta decisão, na situação em que foi tomada? Não estava CÂMARA nas melhores condições para executá-la, tanto que o fez com brilhantismo? No último grande conflito, quantas vezes encontramos decisões semelhantes e semelhantemente certas?

AUTOCONFIANÇA — É a qualidade que permite ao chefe realizar a tarefa que lhe é destinada com determinação, já que está convencido de que optou pela melhor forma de executá-la. A excessiva autoconfiança, a que é filha da vaidade e da presunção, conduz apenas ao insucesso e ao desastre.

GASTÃO D'ORLEANS substituíra em março de 1869 ao mais vitorioso dos generais brasileiros: O DUQUE DE CAXIAS. Assumia o comando de um Exército, com dois Corpos de Exército, comandados por OSÓRIO e POLIDORO. Imensa era a galeria dos chefes de menor posto, possuidores de inegável brilho: CORRÊA da CÂMARA, VITORINO, MENA BARRETO (os dois), MALET e muitos outros que seria cansativo enumerar.

Concomitante com a ação militar, iniciavam também os aliados, a tarefa de reerguer a nobre nação guarani. Era necessário pois, conciliar as operações militares que ainda prosseguiram com as atividades políticas. Era mais uma preocupação para o jovem príncipe.

Homens, como os comandantes de Corpos, não poderiam deixar de ser ouvidos e acatados, quando tal fato se impusesse. Seria leviano não fazê-lo e assim foi feito. Nunca isto significou porém, fraqueza ou falta de confiança. E toda vez que foi necessário decidir de motu próprio, o Príncipe o fez. Assim foi no Conselho de sete de julho de 1869, quando depois de ouvir MITRE e OSÓRIO, adotou solução própria, embora atendendo o ponto de vista do MARQUÊS DO HERVAL: realizar um movimento envolvente, combinando-o como uma ação frontal, apenas num segundo tempo.

Longe esteve de ser um títere, como ilustra o episódio que passamos a narrar: quando o 1º Corpo atingiu o desfiladeiro de SAPUCAÍ, encontrou-o ocupado. Sem vacilações, OSÓRIO monta uma ação frontal para atacá-lo. O Conde que marchava com o 2º Corpo, sabedor do acontecido, adianta-se e determina que se abram picadas e que o inimigo seja flanqueado. Este, pressentindo o movimento abandona a posição. Do fato ficou também o pitoresco diálogo, que me permito reproduzir:

— “É um instante, Vossa Alteza verá” diz OSÓRIO;

— “Mas”, reflexionava o Príncipe, “é o que se chama pegar o touro pelas aspas”;

— “Qual touro”, replicava OSÓRIO, “isto não passa de uma vaca velha”.

A ação contudo, foi executada como determinara o Comandante em chefe.

INICIATIVA — O Conde D'EU, repitamos, assumiu o comando no dia 22 Mar 69. A 28 Jul iniciou a MANOBRA DE PERIBEBUY. A 10 de agosto conquistou a cidade daquele nome. A 15, se apossou de ASCURRA. A 16, venceu a Batalha de CAMPO GRANDE. A 3 de setembro de 1869, montou a MANOBRA DE SÃO JOAQUIN, também chamada de SANTO ESTANISLAO. A 13 de outubro verificou mais uma vez, que LOPEZ escapara.

Em janeiro de 1870, tem-se a impressão que se apossara do jovem general repentina apatia; transfere para o Destacamento CÂMARA, a responsabilidade da conduta das Operações. É bem verdade, que deslocou o QG para ROSÁRIO, mas parece que seria razoável, que se fôsse colocar à testa daquele Destacamento; não que àquele chefe faltassem qualidades para cumprir a missão recebida, apenas porém, para que a presença do comando em chefe servisse de estímulo aos comandados.

TATO — Diz o Manual de Chefia em vigor no Exército Brasileiro: “tato é a capacidade de tratar chefes e subordinados, sem ferir suscetibilidade”. No FM 22-100, Military Leadership (Ed 1958), encontramos uma conceituação que nos parece mais favorável à inteligência do conceito: “é a habilidade de dizer a coisa certa na hora apropriada. E a compreensão da natureza humana e a devida consideração para a sensibilidade dos outros.

Quando o jovem Príncipe assumiu o Comando, muitos chefes militares já se haviam retirado dos campos de batalha e se recolhido ao aconchego do lar. A primeira vitória de GASTÃO D'ORLEANS foi conseguir que o acompanhasse alguns destes bravos, cujas feridas, algumas ainda estavam abertas. Entre estes ganham realce, o MARQUÊS DO HERVAL, o Visconde de SANTA TEREZA e TIBURCIO. No campo de batalha, êle foi encontrar, MALET, RUFINO, CORRÊA DA CÂMARA, RESIN, JOÃO MANUEL e JOÃO DE DEUS MENA BARRETO, DEODORO, FLORIANO, JOSÉ AUTO e muitos outros que seria tedioso enumerar. Da maneira com que foram mantidas as relações: chefe — subordinados, é testemunho não apenas o êxito da Campanha, como a amizade que ligou o Conde aos seus comandados da CORDILHEIRA.

A todos foi dispensado o tratamento que faziam jus. A OSÓRIO, foi receber pessoalmente na Estação de PIRAYU. E quando o velho general não resistindo ao ferimento que se agravava, mais uma vez retornou ao BRASIL, em 24 Nov 69, agora definitivamente, sua Alteza, pessoalmente o escoltou até fora do Acampamento.

A POLIDORO, por ocasião de designá-lo comandante das Forças do Sul do MANDUVIRÁ, assim se dirigiu: “Escuso ser mais detalhado nas presentes instruções, porque a ilustração e o tino de V. Exa. e o seu

espírito de equidade dão-me a segurança de que saberá tomar as medidas mais convenientes”.

Desta consideração, é evidente, nasceria o respeito mútuo, que tanto facilitou a espinhosa e difícil missão.

SENTIMENTO DE JUSTIÇA — É a qualidade que permite ao chefe ser imparcial e firme no exercício do comando. Para ser justo, ele tem que se manter acessível aos subordinados ouvindo-lhes os reclamos.

Na primeira Ordem do dia, em 16 Abr 69, o Príncipe assim se pronuncia: “Camaradas! Pronto me acharei sempre a advogar perante os poderes do Estado os vossos legítimos direitos”. Já a 21 de abril determina a regularização da situação dos presos que estavam sem processo ao mesmo tempo que determinava a prisão de três oficiais, sendo um oficial superior, por irregularidade na execução do serviço.

Durante o ano de Comando, cercado de preocupações militares e até mesmo políticas, está sempre no espírito do Comandante em chefe, a preocupação de fazer justiça aos comandados.

A sete de outubro dirige-se ao Comandante das Forças ao Sul do MANDUVIRÁ, para que apure as denúncias que diziam estarem os presos em ASSUNÇÃO submetidos à maus tratos.

Mas não era apenas a sorte dos militares que o preocupava. Jamais permitiu que à sombra das armas brasileiras, que tão dignamente conduzia, fôsem praticadas perseguições ou tropelias. Como tal, atua junto ao Governo Provisório, quando sabe que um cidadão, ODON CÁRCERES, estava jogado num calabouço em SÃO JOSÉ, vítima do ódio das novas autoridades constituídas.

E quando em 15 de março de 1870, na Ordem do dia n. 45, proclama o fim da Guerra, rende Justiça ao Visconde de PELOTAS, a quem coubera a honra de conduzir a perseguição final:

“Quando eu não tivesse co' h' do outro resultado dos meus trabalhos, dar-me-ia por satisfeito em ter feito brilhar e evidenciar-se pela prática os notáveis talentos do Brigadeiro JOSÉ ANTONIO CORREIA DA CÂMARA, em quem o Brasil tem hoje em dia, um general, ainda no vigor dos anos, capaz de levar ao cabo os mais árduos cometimentos e de honrar sua pátria perante o mundo civilizado.”

ENTUSIASMO — É expressão do regulamento: é o ardor de interesse demonstrado no trabalho; transmite-se facilmente aos subordinados.

É evidente que o príncipe consorte, recebeu com entusiasmo o ato governamental. De há muito que ele vinha insistindo junto ao governo, para conseguir um lugar no Exército em Campanha. Desejava com justa razão, conquistar o respeito e a admiração do Brasil, nos campos de batalha. Nomeado para o mais alto cargo, recebeu quase um século depois, de PAULA CIDADE, o julgamento justo e equilibrado, do qual não me posso furtar de repetir alguns trechos: “Hoje, passados tantos anos, cessadas as lutas ingratas que se travaram contra a família imperial, vê-se que o jovem Conde D'EU, conseguiu vencer em tão dura prova, dadas as suas invejáveis qualidades de caráter e o seu inegável bom senso”. E continua: “Homem valente (e essa seria a qualidade mais apreciada ali) há-

bil no conservar as amizades daqueles que o cercavam, trabalhador infatigável (no que a pouca idade o ajudava) ganhou a partida por uma simples questão de bom senso e mais tarde, ao deixar os campos de batalha, teria adquirido a experiência que antes lhe faltara e conquistado a admiração das massas populares".

Este julgamento, é por si só, uma consagração.

APARÊNCIA — é a qualidade que conjuga com a aparência física, a correção de uniforme e a esmerada atitude militar mais do que tudo isto, é aquele halo de simpatia envolvente, que cerca a personalidade daqueles que têm o destino de se tornarem grandes chefes militares. Às vezes, o uniforme não é correto, mas é peculiar. E este peculiar que seria ridículo na maioria dos mortais, naquele homem predestinado é motivo de atração e mesmo de orgulho para os comandados.

Este foi o aspecto negativo de GASTÃO D'ORLEANS, como chefe militar. Descuidado com a aparência própria, quer civil quer militar. Deselegante, prematuramente surdo. "Surdão" chamavam-no os "pracinhas". Num cenário em que se movimentavam homens como PORTO ALEGRE e um sem número de gaúchos bem "aperados", exibindo a natural elegância herdada dos espanhóis, estas coisas ainda mais se acentuavam.

Homem estudioso, o Conde com facilidade dominou o português. De palavra fácil e brilhante, era orador fluente e feliz. Perseguiu-o porém o vício de linguagem de não conseguir pronunciar a letra r, com a brandura peculiar do nosso idioma. Isto o tornava alvo do motejo popular, anulando mesmo as outras qualidades de orador.

Creio já ter alinhado argumentos suficientes, para afirmar que LUIZ FELIPE MARIA FERNANDO GASTÃO D'ORLEANS, foi chefe militar brasileiro, do qual todos podemos nos orgulhar. Tendo vivido e comandado no século XIX, quando a nação se consolidava internamente e afirmava no conceito internacional, ombreou-se aos mais ilustres chefes militares brasileiros e se não se colocou no mesmo nível de CAXIAS E OSÓRIO, ímpares nas suas posições, situa-se porém com justiça dentre os melhores. Vítima do nacionalismo, com aspas, dos fundadores da República, que buscaram destruir as glórias que o Império conquistara, como se fosse possível "tapar o sol com uma peneira", está por receber do País, os tributos que lhe são devidos.

BIBLIOGRAFIA

Conde D'EÜ — Luiz da Câmara Cascudo.

Diário do Exército — Visconde de Taunay

C 22-10: Manual de Campanha básico — Princípios de Chefia.

Memórias — Visconde de Taunay

FM 22-100: Edição 1958 — Military Leadership.

Viagem Militar ao Rio Grande do Sul — Conde D'EÜ.

História da Guerra entre a Triplíce Aliança e o Paraguai — Tasso Fragoso.

Síntese de Três Séculos de Literatura Militar Brasileira — F. de Paula Cidade.